

Campo

CAMPO, orago São Salvador, era uma reitoria da apresentação do arcebispo de Braga.

Corre na tradição que nesta freguesia houve em tempos primitivos um convento de freiras, que morreram todas de verem um bicho e se assim foi, diz o P.^e António Carvalho na sua *Corografia Portuguesa*», vol. I, pág. 226, quando trata desta freguesia, devia ser basilisco e ele que as viu primeiro.

Felizmente esse lendário e jectatório réptil, que tamanhos estragos fez nas pobres freiras do Salvador do Campo, desapareceu desta boa terra barcelense e parece que a sua raça se extinguiu, pois não consta que se fizesse sentir a sua maléfica acção.

O que é um facto é que esta freguesia aparece-nos no decurso da história, Comenda de Ordem de Cristo, com as suas anexas Santiago do Couto e São Pedro de Alvito, e assim se manteve até à extinção das Ordens militares religiosas em Portugal.

Vem nas Inquirições de 1220 com a designação = «De Sancto Salvatore de Campo», de Terra de Nevias.

Nelas se diz: que o rei não tem aqui reguengo algum.

«Et in Seximir debet Maiordomus mittere ganatum quando illum pignorat. Et omnes qui morantur in ista collatione dant singulas gallinas et vadunt facera castel-

lum, et pectant vocem et calumpniam, et dant omnes in-simul ij carneiros».

Dizem mais que o rei não é padroeiro e que esta igreja tem sesmarias e 5 casais e um quarto.

Nas Inquirições de 1258, 2.ª Alçada, se diz: «*In Judicato de Neoia, in parochia Sancti Saluatoris de Campo*» que entra nesta freguesia o Mordomo a quatro caomias conhecidas e vão fazer o castelo.

O arcebispo de Braga, D. Fernando de Guerra, não se limitava a reunir *Sínodos* diocesanos na sede do seu arcebispado para o bom governo do mesmo; ia também ao encontro do clero rural e em pontos centrais reunia o clero de uma região.

Chamavam-se a estas assembleias *Calendários*, a que o arcebispo presidia pessoalmente ou se fazia substituir por outrem.

Em 28 de Agosto de 1419 reuniu-se na igreja do Salvador do Campo um calendário, onde ocorreu o clero do julgado de Paria e Aguiar de Neiva, presidido pelo arcediogo de Vermoim, e nele se fez uma concórdia sobre votos, dízimos, etc. (1).

É da tradição que o mosteiro beneditino do Salvador do Campo foi em Casal Meilho, não aparecendo porém vestígios naquele lugar da sua construção.

Extinto o mosteiro nos fins do século XIII, princípios do século XIV, não, com certeza, por todas as suas freiras terem morrido de susto ao verem o terrível bicho de que falam alguns velhos cronistas, mas talvez à míngua de recursos para a sustentação do mesmo, a *Igreja Paroquial*, que deveria ter sido a do mosteiro, caindo em ruínas, foi mudada para o sítio conhecido por Bouça da Cruz.

(1) *Mons. /.* Augusto Ferreira — *Fastos Episcopais* = vol. I, pág. 279.

No terreno onde esteve esta velha matriz ainda se encontram restos da sua existência: materiais de construção, ossadas humanas, etc., ignorando-se, porém, a data da sua mudança para o lugar da Igreja, onde está.

Eleva-se este sólido e bem construído templo no centro de um adro vedado por parede com três portas de serventia.

Mostram ainda as paredes daquele templo a sua bem trabalhada silharia a descoberto de qualquer reboco.

Ao lado esquerdo da fachada ergue-se uma bem proporcionada torre para os sinos e atrás desta uma pequena sacristia.

Pela sua construção a capela-mor parece ser obra mais recente do que o resto do edifício.

Dentro, esta capela é forrada a estuque com pavimento a mosaico e paredes revestidas até certa altura de belos azulejos antigos.

O altar é em linda talha renascença, encerrando a tribuna uma tela em que é representada a ressurreição de Cristo.

O tecto do corpo da igreja, forrado a madeira pintada, contém cinco quadros: o do centro com a imagem do padroeiro desta freguesia São Salvador, ladeado por quatro telas com as imagens dos Evangelistas.

Esta obra foi feita em 1864, segundo se lê em uma inscrição por cima do coro, que é a seguinte = 10—1864 — 2.º=.

Tem quatro altares laterais com retábulos em estilo moderno, púlpito com resguardo em madeira pintada e pia baptismal moderna em mármore.

Ao sul da igreja, separada desta pelo adro, está a *Residência. Paroquial*, edifício de regular aparência e digno do fim a que se destina.

O *Cruzeiro Paroquial* fica um pouco distante da igreja, do outro lado da estrada.

Ergue-se este sobre uma coluna lisa, de capitel coríntio, sem data nem inscrição na base.

Entre o cruzeiro e a igreja, também do outro lado da estrada, está o *Cemitério Paroquial*, ostentando sobre o seu portão a data = 1919.

Há ainda as *Alminhas do Picão*, junto à casa do mesmo nome e uma Cruz de pedra, no largo à entrada do adro, que mostra o sítio onde esteve metida uma caixa para receber esmolas, a qual foi arrancada.

Nesta freguesia há uma única *Capela*, que é a de *Santo António*, junto à casa de Crestes.

Esta pequena capela, de um só altar, com porta virada ao nascente, é encimada na sua frontaria por uma sineira e ladeada nos cunhais por duas pirâmides em granito.

Ao lado direito da sua única porta vê-se uma pedra, que foi metida na parede, com a seguinte inscrição = ESTA CAZA MANDOV FAZER D. BRITES DE MENEZES SENHORA DESTA QVINTA ERA DE 1600.

Pertence actualmente a capela e quinta de Crestes ao meu prezadíssimo amigo e condiscípulo Dr. Alberto Magalhães Barros Judice Queiroz, muito digno Desembargador da Relação de Lisboa, que as herdou de seus antepassados.

A casa de Crestes foi, segundo a autorizada opinião de José Machado (1), do insigne poeta Francisco Sá de Miranda, um dos corifeus da renascença em Portugal.

Era filho bastardo de Gonçalo Mendes de Sá, cónego da Sé de Coimbra, neto paterno de João Gonçalves de

(1) Vide «O Poeta de Neiva», daquele autor.

Crescente, Cavaleiro Fidalgo, e de sua mulher Filipa de Sá, moradores em Salvador do Campo, do concelho de Barcelos.

Como se vê *Crescente* do João Gonçalves é a palavra *Crestes* da quinta com intercalação apenas de uma sílaba e, segundo a inscrição acima copiada, a casa de Crestes foi feita (não seria reformada?) por D. Brites de Meneses, em 1600.

Ora, vivendo nessa época a bisneta daquele poeta e sua herdeira, D. Brites da Silva Meneses, casada com o infeliz Diogo de Azevedo Coutinho, o pobre louco que morreu com a mania de tocar sino, não repugna acreditar que esta fosse a D. Brites da inscrição.

Confirma-nos tudo isto, pois, na opinião que Crestes fosse do poeta Sá de Miranda.

Esta casa e capela passou por compra no século XVII para a família do seu actual possuidor.

A freguesia do Salvador do Campo está situada no fértil vale do Tamel, estendendo-se no sentido longitudinal de norte a sul, e confronta pelo nascente com a de São Martinho de Alvito e a de Quiraz, pelo sul com a de Lijó, pelo poente com a de São Fins do Tamel e pelo norte com a de Santiago do Couto e a de Cossourado.

É fertilizada pelo ribeiro de Linhar, que a banha no seu limite sul, o qual nasce na freguesia de São Pedro de Alvito, onde tem o nome de Ribeiro do Porto, e é afluente do ribeiro Ponteio ou Tamel.

As suas fontes públicas são: a do Casal, a de Vales e a de Casal Moinho.

É esta freguesia servida pela estrada recentemente construída que liga a de Barcelos à vila de Ponte do Lima, por S. Julião de Freixo, no lugar da Pojeira em Lijó, com a que de Barcelos também vai àquela vila por Balugães, na Senhora da Portela em S. Fins do Tamel.

Aquela estrada ao passar nesta freguesia galga o ribeiro Linhar em uma pequena ponte de pedra.

A sua população no século XVI era de 43 moradores; no século XVII era de 80 vizinhos; no século XVIII era de 145 fogos; no século XIX era de 484 habitantes e actualmente é de 526 habitantes, sendo 217 varões e 309 fêmeas, sabendo ler 57 homens e 38 mulheres, havendo 431 analfabetos.

Esta população está distribuída pêlos seguintes lugares habitados: Igreja, Fonte, Casal, Monte, Rato, Quinta, Leiras, Vales, Gandra, Ponte, Crasto Antigo, Crasto do Monte, Casal Meilho, Crestes, Merouços, Seixomil, e Galiães.

As casas mais importantes são: a do Rato, a de Crestes, a do Picão, a de Casal Meilho, a de Braga, a do Enes, a de Félix Barbosa, a do Paulino e a de Pias.

Tem esta freguesia Escola Oficial para o sexo masculino, com um lugar, que funciona em edifício arrendado, Caixa do Correio e uma loja de mercearia.

Foi colocado como pároco desta freguesia e suas anexas São Pedro de Alvito e Santiago do Couto, em 20 de Dezembro de 1643, *João Miranda*, achando-se estas freguesias vagas pela renúncia de Mestre Rodrigo, como diz José Machado no seu livro «O Poeta do Neiva», a pág 353, e sucedendo-lhe na paroquialidade destas freguesias seu filho bastardo *Jorge de Miranda*, que tinha tomado ordens de missa em 1506.

Foi este abade do Campo o fundador da *Capela dos Passos*, da freguesia de Santa Leocádia do Tamel.

O Dr. José Joaquim Duarte Paulino do Vale, filho de António Duarte Paulino e de sua mulher D. Maria Joaquina, era natural desta freguesia e faleceu em Barcelos aos 4 de Outubro de 1911, com 70 anos de idade.

Foi médico municipal, Sub-Delegado de Saúde em Barcelos e Clínico do Hospital da Misericórdia durante muitos anos, sendo um grande benfeitor desta instituição de caridade, à qual deixou todos os seus haveres, que eram muitos.

O seu retrato encontra-se na galeria dos benfeitores daquela Casa e foi dado a uma das enfermarias do mesmo Hospital, o nome de — «Dr. Paulino.

Sua mulher, D. Eivira Alvarenga do Vale, foi também uma das benfeitoras daquela Casa de caridade.

P.^e Bento José da Mota, natural desta freguesia, foi pároco durante muitos anos na freguesia de S. Paio de Antas, concelho de Esposende, a quem nos referimos no livro «Espozende e o seu Concelho», quando tratamos da freguesia de Antas.